

GREVES NA EUROPA¹

Greves na Europa

Prof. Dr. Fábio Ruela de Oliveira²

“Na Europa como um todo, cresce a percepção popular nos seus países mais prósperos de que a União Européia é um pretexto para minar direitos sociais e trabalhistas – naqueles que mais claramente haviam se beneficiado da integração, os países menos ricos da periferia européia, o sonho subitamente acabou.” (Antonio Luiz M. C. Costa – revista *Carta Capital* nº. 605, 21 de julho de 2010)

O que está acontecendo na Europa nas últimas semanas? Difícil entender aqui do Brasil, principalmente pela desinformação que toma conta de nossos grandes jornais impressos e televisivos. Nos telejornais abertos, por exemplo, mesmo aqueles das altas horas, observamos apenas 30 segundos de imagens das greves de trabalhadores na Europa, seguidas pelo comentário reacionário do jornalista, que sempre faz a manchete num posicionamento de denúncia dos respectivos movimentos sociais europeus, nas quais as palavras “caos” e “baderna” aparecem. Outras manchetes destacam o trabalho salvador da polícia na dispersão dos piquetes e manifestações.

Entretanto, leituras mais apuradas da revista *Carta Capital* (que considero a melhor revista semanal de opinião para se ler no Brasil hoje), dos links e sites das Centrais Sindicais Europeias, bem como de outros endereços alternativos da internet; nos mostram que as lutas desencadeadas na Europa nas últimas semanas se configuram na mais vigorosa manifestação anti-capitalista dos últimos tempos. Trata-se essencialmente da resistência dos trabalhadores aos projetos de reformas previdenciárias apresentados aos vários parlamentos europeus, de aumento da idade mínima para a aposentadoria dos trabalhadores. Infelizmente as notícias mais recentes já apontam a derrota parcial desses movimentos, pois no parlamento francês, por exemplo, essa reforma já foi aprovada, apesar da intensa movimentação dos trabalhadores

¹ Mural produzido em Outubro/2010. Coordenação: Fábio Ruela de Oliveira. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Weiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Lucas Blank Fano, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

² Docente do curso de História da UNIOESTE.

e estudantes franceses.

A mobilização europeia se manteve forte desde o último dia 29 de setembro, quando várias capitais europeias, tais quais, Lisboa, Bruxelas, Paris e Madri, entre outras, foram surpreendidas por uma greve geral que levou cerca de 60 a 80 mil trabalhadores às suas respectivas ruas. Além das reformas previdenciárias, essa movimentação na Europa apresenta ainda outros elementos desencadeadores, como a crise financeira mundial iniciada nos EUA em fins de 2008 e que agora parece atingir brutalmente o velho mundo, ou ainda as altas taxas de desemprego entre os países europeus, que oscilam entre os 10% e 15% de suas populações de trabalhadores. Para além das manifestações das periferias parisienses, ocorridas em anos anteriores e lideradas pelos jovens negros descendentes de imigrantes, essas atuais greves da Europa levaram as ruas os trabalhadores brancos e formais, o que significa que as contradições capitalistas também batem a porta das classes médias europeias. Trata-se conseqüentemente de um fenômeno histórico dos mais interessantes e curiosos da atualidade, mas que é ignorado do lado de cá do Atlântico.

Assim, na atual conjuntura, se faz necessário o impertinente trabalho dos historiadores, ou, o “de lembrar aquilo que os outros esquecem”, pois devemos recordar que as mesmas reformas que hoje são propostas aos trabalhadores europeus, também já foram aprovadas aqui no Brasil, durante o primeiro governo Lula e com o apoio das centrais sindicais brasileiras. Como aqui, as centrais sindicais europeias se constituem atualmente como braços aparelhados do estado vigente, entretanto, os últimos eventos no continente europeu mostraram que os movimentos de base literalmente atropelaram as direções das centrais. Contrariando suas lideranças os trabalhadores foram às ruas e fizeram piquetes em várias empresas, tais como as refinarias e distribuidoras de petróleo francesas, ocasionando a falta de combustível e levando suas populações a lotarem o sistema de metrô.

O correspondente da revista *Carta Capital* em Paris, Gianni Carta, nos informa que as estimativas da polícia e dos sindicatos franceses apontam que a greve geral de 12 de outubro reuniu cerca de 3,5 milhões de trabalhadores em toda a França, afetando vários setores como os de transportes urbanos, portos, aeroportos, escolas e hospitais. O jornalista ainda destaca a clareza dos jovens franceses na análise da reforma previdenciária, uma vez que os estudantes entendem que mais anos de trabalho significam menos empregos liberados para os atuais jovens.

Enquanto escrevemos essas garatujas chegam mais notícias indicando que os trabalhadores ingleses, com menos tradição de mobilização do que os franceses, também organizaram greves gerais nas últimas semanas e surpreenderam seus parlamentares.

A situação europeia é especial, e duas análises recentes podem também explicar essa conjuntura de greves, pois problematizam o cenário de esfacelamento da União Europeia e do Euro. A primeira delas é do cientista político José Luís Fiori, que em entrevista à revista *Caros Amigos* (Agosto/2010) afirma que a Europa está cada vez mais dividida e prevê o declínio da importância do velho continente e o aumento da sua dependência aos EUA. A segunda análise é do jornalista Antonio Luiz M. C. Costa, da revista *Carta Capital*, observando em julho passado, que “após décadas de concentração de renda e flexibilização do trabalho, os governos europeus ainda não perceberam que a tentativa de reeditar o mesmo ciclo (neoliberal, de encolher ao máximo o Estado de Bem-Estar Social e as garantias trabalhistas e concentrar o máximo de renda no setor privado) pode ser social e politicamente catastrófica.” De certa forma é essa reedição neoliberal que está ocorrendo na Europa, uma vez que, quando da crise de fins de 2008, a Alemanha, a economia mais vigorosa do continente, “lavou as mãos” para os problemas dos vizinhos e decretou que cada um encarasse a crise por si só, o que levou à interferência do FMI, que agora difunde sua cartilha entre os europeus. Ambas as análises destacam ainda o papel preponderante que a Alemanha começa a ter nessa conjuntura e não descartam cenários catastróficos. De acordo com Costa, Fidel Castro voltou à ativa e reuniu-se com economistas cubanos, pedindo para que eles se dedicassem a estudar as possíveis opções da América Latina em caso de guerra nuclear. Segundo Antonio Costa a preocupação de Fidel “talvez seja prematura, mas está longe de ser demência senil.”

Deste modo, é possível afirmar que os desdobramentos da Europa atual já constituem a gênese de uma situação que ainda pode piorar. Além disso, mesmo sendo uma luta das mais dignas, não podemos esquecer que esse enfrentamento dos trabalhadores europeus não se trata de uma luta por novos direitos, mas sim uma luta melancólica, para manter uma série de direitos e benefícios conquistados historicamente. Portanto, não podemos olhar só o olho da Band, mas continuar de olho no que anda ocorrendo nas ruas europeias.

Espanha em 29 de setembro de 2010

Fabiola Waiss Farherr³
Marcos da Silva de Oliveira⁴

Sem dúvida o dia 29 de setembro de 2010 foi uma data para ficar na história da luta sindical da população espanhola, cerca de 10 milhões de trabalhadores foram às ruas na Espanha em greve geral, pedindo o fim das reformas que estão sendo implantadas pelo governo espanhol, como também pelo bloco econômico União Européia (UE) em parceria com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Sob alegação de rombo no orçamento público, o governo espanhol como demais países que compõe a União Européia, vem defendendo reformas como a trabalhista e a da previdência, que visam o corte de verbas para serviços públicos como saúde, educação, moradia e demais áreas.

A população vem sentindo na pele as conseqüências destes cortes no orçamento público, uma vez que 38% de investimentos em educação e saúde já foram retirados, cortes salariais nas empresas públicas e demissões têm sido recorrentes na Espanha, aumentando assim a violência e a miséria entre os mais pobres.

Estas reformas se fazem necessárias nos países capitalistas devido ao fato de este ser um sistema econômico no qual são recorrentes as crises, que conseqüentemente levam o Estado a investir dinheiro público em empresas privadas. Esta é a situação que vem ocorrendo na Europa. Quando a crise de 2008 começou nos Estados Unidos, os governos europeus investiram muito dinheiro público nos bancos privados para não quebrarem e colocar a economia em recessão. Após dois anos do início da crise dos EUA, a população européia começa a pagar pela mesma, na medida em que o Estado, para poder continuar pagando sua dívida pública com os bancos internacionais, instala reformas que atacam os direitos históricos conquistados pelos movimentos sociais e de trabalhadores. À exemplo desses ataques podemos citar alguns, como: a Reforma da previdência e a Reforma trabalhista.

Embora a palavra reforma pareça interessante e até mesmo soe como mudança para algo melhor, a experiência com a implementação destas tais reformas conduzem a outros resultados. A chamada reforma da previdência tem o real objetivo de aumentar a idade mínima para se aposentar, fazendo deste modo com que as pessoas trabalhem muito mais e recebam seu benefício muito mais tarde. Desta maneira os bancos aumentam seus lucros com

³ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁴ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

a venda de pacotes de previdência privada. Assim, os trabalhadores que podem pagar por essa previdência adquirem o benefício, entretanto, não é esta a realidade da maioria.

Já a reforma trabalhista tenta subtrair direitos históricos conquistados pelos trabalhadores europeus e retira ainda outros benefícios, como: o décimo terceiro salário, o seguro de vida e propõe diminuir o trabalho formal introduzindo a terceirização. A reforma tira qualquer obrigação do empregador em relação ao empregado, o que faz com que seus lucros aumentem e o empregado para além de empobrecer cada vez mais, adquire o que muitas vezes convencionou-se chamar de doenças do trabalho.

Os trabalhadores das mais diversas categorias como podemos perceber travam uma batalha acirrada com o governo. Sendo que mesmo com a greve geral do último dia 29 de setembro, o governo já declarou que não voltará atrás na medida de cortes no orçamento da nação. O balanço que as entidades fazem da greve geral é positivo, pois embora ainda não se tenha barrado as medidas deste governo houve um avanço na organização sindical. Mesmo com as principais centrais sindicais, como a *Comisiones Obreras* (CCOO) e a *Unión General dos Trabajadores* (UGT) estarem chamando e defendendo uma política de conciliação entre os interesses dos trabalhadores e os do capital, os sindicatos se mostraram combativos formando blocos alternativos que estão na organização das próximas mobilizações.

A lição que podemos tirar do desfecho deste dia 29 de setembro espanhol, é que somente com a articulação entre os trabalhadores será possível enfrentar esta onda de ataques aos direitos conquistados como já dissemos anteriormente. Nesse sentido não acreditamos que a Europa esteja caminhando para uma revolução social, pois a questão principal ainda é barrar as reformas. Entretanto, a participação da população nas greves e nos protestos foi maciça e não ficaria assim descartado que no decorrer do processo, surja uma possibilidade de revolução social. Porém, só o tempo poderá nos confirmar se a Europa está diante de uma reforma ou de uma revolução.

Grécia: a democracia em conflito.

*Guilherme Dotti Grandó⁵
Lúcio Fellini Tazinaffo⁶*

No final da primeira década do século XXI observamos um contexto de grandes crises econômicas e também sociais, decorrentes, em grande medida, de condições que são bastante anteriores a este final de década. O que se apresenta é uma crise estrutural de um modelo econômico e social oriundo das relações capitalistas. Nesse sentido percebemos crises esporádicas em regiões diferentes do planeta, mas que estão conectadas num problema comum, o sistema capitalista, e que, portanto, não devem ser estudadas como crises isoladas, caso pretenda-se encontrar uma solução definitiva. Assim a crise financeira que estourou na Grécia em maio deste ano remete à crise nos EUA que ocorreu no ano de 2008, que de início não pareceu ser tão grave, mas que agora atinge brutalmente a Europa e nos revela que o problema tem sua origem nas relações capitalistas que regem o mundo.

A crise mundial de 2008 diminuiu a arrecadação de impostos na Grécia. Empresas começaram a quebrar, o desemprego aumentou e o consumo diminuiu, obrigando o país a realizar empréstimos. No último ano, a dívida grega tornou-se maior do que seu próprio PIB (Produto Interno Bruto, a soma de todas as riquezas produzidas no país), ou seja, o que o país produziu de riquezas foi inferior ao valor de sua dívida. Seria o mesmo que uma pessoa comum realizar um empréstimo para fazer determinado investimento, dizendo que dentro de um período de tempo esse investimento iria render tanto de lucro, no entanto, após esse tempo, esse investimento não produziu valor suficiente nem para pagar o empréstimo inicial. Mais ou menos nesses termos se configurou a situação da Grécia. O governo grego realizou empréstimos a títulos de dívidas públicas, garantindo a esses investidores que produziria uma quantia em riqueza. Como no exemplo anterior, o que foi produzido com esse investimento não foi nem sequer suficiente para ressarcir os detentores dos títulos da dívida pública, gerando um grande clima de desconfiança. Os números dão cores ao caso grego. Em 2009 o país acumulou uma dívida de R\$ 704 bilhões (300 bilhões de euros), enquanto o valor do PIB, no mesmo ano, não chegou nem a R\$ 600 bilhões (255,3 bilhões de euros).

Preocupados com a estabilidade econômica da Grécia, o FMI (Fundo Monetário Internacional) e a UE (União Européia), organizaram um grande pacote de medidas econômicas aos gregos. Cerca de 112 bilhões de euros, que serão destinados a conter a crise e

⁵ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁶ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

“salvar” a economia grega. Quem, no entanto, pagará pelo pacote que salvará as grandes empresas, serão, a duras custas, os trabalhadores que terão de arcar com aumentos dos tributos de combustíveis, álcool e tabaco. Somam-se ainda outros elementos, como o congelamento dos salários dos funcionários públicos até 2014, a reforma previdenciária que adiaria para mais três anos a aposentadoria dos trabalhadores gregos, e que estipularia o valor da aposentadoria não mais pelo valor dos últimos meses de trabalho, mas pelo salário médio durante a carreira. Mesmo assim, como apontam os críticos, tais medidas não seriam eficientes, pois a Grécia, mesmo com a ajuda do FMI e da UE, teria de obter abatimentos de 30 a 50% da negociação das dívidas públicas.

Trágico contexto que esboça a contradição de um sistema de relações desiguais. Para salvar os gigantes da economia, quem terá de sofrer perdas, econômicas e sociais, serão os trabalhadores. Revoltados com a situação, a população foi às ruas protestar. Estudantes saíram às ruas, invadiram lojas, vandalizaram bancos e enfrentaram policiais com pedras e garrafas. No berço da “democracia”, tão exaltada hoje pelos adeptos do liberalismo econômico desenfreado, é de se surpreender que, mesmo com a desaprovação popular das medidas econômicas (68% dos gregos desaprovavam os sacrifícios do governo para pagar a dívida), o governo grego, liberal e “democrático”, pretenda botar em prática de forma autoritária essas medidas de recuperação econômica das grandes empresas.

Diante dessa crise estrutural que apresenta contornos claros em casos como o da Grécia, pouco se comenta na mídia sobre essas contradições. Menos ainda se fala dos pesados fardos que os trabalhadores gregos terão de carregar para “salvar” a economia do país. Como se já não fosse suficiente o descaso com estes trabalhadores gregos, observamos na mídia brasileira, uma tendência de ridicularizar os movimentos sociais, os trabalhadores não teriam nem sequer o direito de ir às ruas protestarem quando o Estado se coloca claramente contra os seus interesses.

Luta de Classes na França

*Fagner Guglielmi Pereira*⁷
*Lucas Blank Fano*⁸

Recentemente as manifestações de estudantes e trabalhadores de vários segmentos vêm tomando conta da Europa. Essas manifestações são reflexos de mais uma das crises do sistema vigente. Porém, essa crise tem raízes mais profundas do que imaginamos. Uma delas foi a invenção do EURO. A tentativa de unificar as principais economias da Europa em 2002 deu suporte necessário para o *boom* econômico em países cuja economia é mais fraca. Desde a invenção do EURO, a Alemanha cobria dívidas de 16 países, fixando os juros baseado em suas atividades econômicas. A desproporcionalidade entre a economia alemã comparada aos outros países participantes da eurozona favoreceu o enfraquecimento da moeda. A Alemanha, como principal economia exportadora do ocidente, ficou com o bônus. Entretanto, o ônus dividiu-se entre as economias menos privilegiadas. A recessão, o desemprego, os ataques xenófobos principalmente pela direita nacional, resultou em uma frente de resistência que se alastrou pela Europa nos últimos meses. A emergência da Alemanha no cenário econômico europeu nos últimos anos tem forte conexão com a recessão e os desempregos nos demais países europeus.

Um dos principais atingidos por essa desastrosa tentativa de unificação da economia foi a França. No dia 12 de outubro, entre 1,2 e 3,5 milhões de franceses saíram às ruas. Diferentemente da revista VEJA que simplificou de maneira equivocada e maliciosa a adesão popular como “a mania histórica que os franceses têm de sair às ruas”, os efeitos das crises do capitalismo geram consequências catastróficas, principalmente na camada mais baixa da divisão de classes. A luta de classes na França significa a insatisfação dos trabalhadores com a recessão econômica, e com as medidas tomadas pelo presidente Nicolas Sarkozy no que diz respeito à reforma previdenciária do país. A reforma previdenciária mais do que um conceito frio, significa antes de tudo, o aumento da idade mínima de aposentadoria de 60 para 62 anos, a aposentadoria integral passará de 65 para 67 anos. Nesta toada, o tempo de trabalho aumentará de 40 para 41,5 anos. Os mais afetados pela imposição do senado francês serão os trabalhadores. O senado passou por cima do apelo popular e aprovou o artigo 6º do projeto de lei sobre a reforma da previdência. Segundo Sarkozy, “a expectativa de vida aumentou, portanto todos devem trabalhar mais”. Nos últimos anos, a racionalização e a intensidade do

⁷ Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁸ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

trabalho proporcionaram índices de produções altíssimos: se produz atualmente cinco ou seis vezes mais do que há três décadas. O colapso gerado pelas crises que assolam a economia dos grandes investidores do capital repercute devastadoramente na vida dos trabalhadores, que não tem a possibilidade de participação na deliberação e aprovação destes artigos.

A aceitação popular às manifestações foi significativa. Cerca de 70% da população francesa apóia as greves. Isso se deve à atitude anti-popular do presidente Sarkozy no que se refere a seu autoritarismo. A imposição da reforma previdenciária, vinda “de cima para baixo”, ocasionou insatisfação por grande parte dos franceses e desgaste da figura de Sarkozy.

Atualmente, a França enfrenta uma elevada taxa de desemprego, que está na faixa de 10%. Os habitantes que trabalham ou poderiam trabalhar são de aproximadamente 27,6 milhões de pessoas, ou seja, 10% de desempregados representam 2,76 milhões de pessoas, é um número bastante alto. Se a reforma da previdência for colocada em prática, esse contingente de desempregados irá aumentar, pois as pessoas mais velhas vão trabalhar mais e, conseqüentemente, irão ocupar o lugar dos jovens no mercado de trabalho.

As manifestações na França mobilizaram trabalhadores e estudantes em prol dos direitos socialmente conquistados. A tentativa de Sarkozy infelizmente foi aprovada e a perda parcial destes direitos refletirá principalmente na camada menos privilegiada da população. A luta de classes na França transparece, no entanto, a contradição do sistema capitalista. De um lado a camada dominante da sociedade em crise tenta resolver seus problemas às custas dos trabalhadores. No outro, os trabalhadores resistem para garantir seus direitos.

Contudo, a exemplo de outros países da Europa, tais como Grécia e Espanha, a França passa por um momento delicado em sua economia, influenciada pela crise do sistema capitalista que assola a Europa. No entanto, o ônus da recessão, ao que parece, recairá mais uma vez sobre os trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTA, Gianni. Os trabalhadores VS. Sarkozy. (pp.58-59) In: **Carta Capital** nº. 618, de 20 de outubro de 2010.

COSTA, Antonio Luiz M.C. Planeta terra em transe. (pp.34-37) In: **Carta Capital** nº. 605, de 21 de julho de 2010.

_____. *Decifra-me ou...*(pp.54-56) In: **Carta Capital**, nº.595, de 12/05/2010.

<http://www.cartacapital.com.br/internacional/os-trabalhadores-vs-sarkozy>

http://www.ambafrance-br.org/france_bresil/spip.php?article415

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/a-mania-historica-dos-franceses-de-ir-as-ruas-protestar>

<http://noticias.r7.com/economia/noticias/grecia-vive-4-greve-geral-contra-medidas-para-obter-ajuda-20100520.html>

<http://noticias.r7.com/economia/noticias/grecia-enfrenta-nova-greve-de-trabalhadores-insatisfeitos-com-a-crise-entenda-problemas-do-pais-20100505.html>

http://carosamigos.terra.com.br/index_site.php?pag=revista&id=146&iditens=725

www.conlutas.org.br